

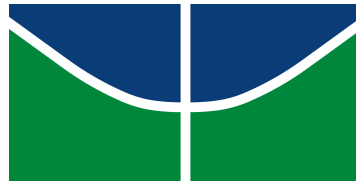


UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIA POLÍTICA - IPOL

**TEATRO, FÉ E POLÍTICA: COMO AS ARTES
CÊNICAS SÃO APROPRIADAS NO PROJETO
POLÍTICO DA TEOLOGIA DO DOMÍNIO?**

Sofia Teixeira de Souza

Brasília
2024



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIA POLÍTICA - IPOL

**TEATRO, FÉ E POLÍTICA: COMO AS ARTES CÊNICAS SÃO
APROPRIADAS NO PROJETO POLÍTICO DA TEOLOGIA DO
DOMÍNIO?**

SOFIA TEIXEIRA DE SOUZA

**Monografia apresentada ao Curso de Ciência
Política, do Instituto de Ciência Política,
Universidade de Brasília, como requisito
parcial para obtenção do grau de Bacharel em
Ciência Política sob a orientação do professor
Joscimar Souza Silva e coorientação da
professora Sulian Vieira Pacheco.**

Brasília – DF

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho de conclusão de curso representa o encerramento de uma etapa importante da minha vida pessoal e acadêmica, e isso não seria possível sem o apoio, o incentivo e a dedicação de muitas pessoas que, de diferentes formas, contribuíram para que eu chegasse até aqui.

Primeiramente, agradeço à Universidade de Brasília (UnB), ao Instituto de Ciência Política (IPOL) e a todos os docentes da instituição que me proporcionaram um ambiente de aprendizado e crescimento pessoal e profissional, e que foi essencial para minha formação.

Ao meu orientador, professor Joscimar Souza Silva, expressei minha mais profunda gratidão pela paciência, pela orientação espetacular e pelos incentivos ao longo de todo o processo. Seu apoio e entusiasmo foram determinantes para a realização deste trabalho. Da mesma forma, agradeço à minha coorientadora, professora Sulian Vieira Pacheco, por seu compromisso, disponibilidade e dedicação. Sua orientação foi crucial para aprimorar este trabalho e para meu desenvolvimento acadêmico.

À toda minha família deixo claro meu mais sincero agradecimento. Sou grata especialmente à minha mãe, Adriana Teixeira, ao meu pai, Sávio Souza, e ao meu padrasto, Luciano Camargo, por todo amor, apoio e por nunca medirem esforços para me proporcionar as condições necessárias para conquistar meus objetivos.

Aos meus primos, Laís Teixeira e Rayan Martins, que sempre estiveram presentes, oferecendo palavras de incentivo, momentos leves e celebração a cada pequena vitória.

Aos meus amigos, que tornaram toda essa jornada mais leve e cheia de momentos especiais, sou eternamente agradecida. Ana Luiza Martins, Anna Vitória Dornelas, Fabíola Orsi, Ítalo Viana, Júlia Fernandes, Lazuli Albernaz, Polyana Fernandes e Tainá Oliveira, cada um de vocês foi particularmente essencial em diferentes momentos desta caminhada. Obrigada pela amizade, pelas palavras de apoio e pela paciência em momentos de tensão.

A todos vocês, meu mais profundo agradecimento. Este trabalho é também uma conquista compartilhada com cada pessoa que me acompanhou nesta trajetória.

Com amor e gratidão,
Sofia Teixeira de Souza

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
1. O ADVENTO DA EXTREMA-DIREITA BRASILEIRA E SUA RELAÇÃO COM O CONSERVADORISMO E O NEOPENTECOSTALISMO.....	7
2. VISÃO CELULAR E RESGATE DA NAÇÃO: DAS TEOLOGIAS AO TEATRO....	12
3. METODOLOGIA.....	22
4. ANÁLISE DAS PEÇAS TEATRAIS E DOS ELEMENTOS CÊNICOS.....	23
4.1. Peça da Criação.....	23
4.2. Peça das Pragas do Egito.....	24
4.3. Análise da transmissão do texto por parte dos atores.....	28
5. OS ELEMENTOS CÊNICOS E A TRANSMISSÃO DO TEXTO POR PARTE DOS ATORES SE RELACIONAM COM A TEOLOGIA DO DOMÍNIO?.....	29
5.1 Crenças escatológicas, milenarismo e as peças teatrais do Congresso Resgate da Nação.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	36

INTRODUÇÃO

Como as artes cênicas são apropriadas no projeto político da Teologia do Domínio? Apesar do aumento do número de estudos sobre a relação entre o eleitorado evangélico e a cultura política conservadora no Brasil pós 2018, poucos estudos consideraram o uso das artes como parte de um projeto político direitista e neopentecostal. Dessa forma, este trabalho busca ajudar a suprir uma lacuna sobre a cultura política conservadora e sua relação com a Teologia do Domínio no eleitorado evangélico.

A vida dos cidadãos está rodeada de cultura, seja música, artes plásticas, dança, peças teatrais, filmes, etc. O teatro é um elemento cultural importante para integrar grupos, conhecer pessoas e consumir a cultura local. E, em muitos locais do Brasil, a cultura e a religião se misturam, chegando ao ponto em que a população só tem acesso à cultura por meio dos eventos religiosos, transformando a igreja, por muitas vezes, em um centro cultural comunitário na cidade (BIANCHI; PIRELLI; 2021).

O surgimento do teatro ocidental está intrinsecamente ligado à religião. O teatro reconhecido como ocidental foi criado como um modo de festa em culto à Dionísio, deus grego do vinho, das festas e do teatro, e essas festas eram consideradas um compromisso religioso. A mitologia, narrativas que explicam o mundo grego anterior ao desenvolvimento da pólis, continuava presente nos textos trágicos que problematizavam as tensões entre as leis divinas e as leis da pólis enfrentadas pelos heróis trágicos — apresentavam a lição moral, filosófica e religiosa para os considerados cidadãos que assistiam e a quem a peça se dirigia (MAGALDI, 1965). O teatro ocidental também já foi utilizado para a catequização da população pela Igreja Católica durante a Idade Média, fenômeno conhecido como Teatro Medieval (ROSENFELD, 2000).

As questões religiosas na política brasileira vêm em uma crescente nos últimos anos. As eleições de 2018, por exemplo, foram consideradas atípicas por alguns analistas, pois os fatores que normalmente tinham uma enorme influência na hora da decisão do eleitor não tiveram o mesmo peso, sendo substituídos por questões mais ideológicas, que não tinham tanta relevância assim: “Se comparado com eleições anteriores, em 2018, cresceram, no eleitorado, o posicionamento na escala ideológica, a percepção das diferenças partidárias em termos de esquerda e direita e a associação entre ideologia e voto.” (FUKS; MARQUES, 2023, p. 561). Contrariando as expectativas, Jair Bolsonaro ganhou o pleito de 2018, por conta da ascensão de uma direita mais radical, em que mistura o autoritarismo da “velha direita”, o neoliberalismo da direita da década de 1990 e o conservadorismo religioso (SANTOS; TANSCHKEIT, 2019).

Tanto o advento da extrema direita brasileira quanto o advento da popularidade dos evangélicos foram crescendo aos poucos ao longo das décadas, especialmente a partir do final do século XX, chegando aos anos 2000 e tendo seu ápice nas eleições de 2018, com a vitória de Jair Bolsonaro para presidente. Além disso, durante o governo Bolsonaro, as pautas religiosas vieram com força total para a discussão política e também para as eleições de 2022. O crescimento dos cristãos evangélicos se deu também com a propagação da chamada Teologia do Domínio (TD), uma doutrina teológica que falaremos durante esse trabalho.

O principal objetivo deste trabalho é conseguir demonstrar se e como as artes cênicas, os elementos teatrais e a influência cultural que a igreja tem são utilizados para promover um projeto político de extrema-direita, utilizando a Teologia do Domínio para este fim.

Esse trabalho tem como objetivos específicos analisar os vídeos do Congresso Resgate da Nação; tentar identificar quais foram os elementos teatrais mais explorados para transmitir as mensagens desejadas; observar qual é o nível de influência que as peças teatrais trazem para as mensagens e como o público pode ser impactado politicamente pela representação artística; refletir quais as possíveis consequências desse projeto político para a cultura brasileira; e também ampliar a literatura sobre o papel da religião e da arte no cenário político.

O Congresso Resgate da Nação é um evento anual promovido pela igreja amazonense Ministério Internacional da Restauração (MIR), liderada pelo Pastor Renê Terra Nova (1961-), que traz vários convidados para uma semana com louvor, pregação, profetização e também peças teatrais. Para esse estudo de caso, irei analisar o evento que aconteceu em 2021, que tinha como tema “Brasil é Território de Milagres”. As análises sonoras, textuais e de imagens, além da análise teatral e dos elementos cênicos das peças teatrais encenadas no evento de 2021 serão de suma importância para entendermos como os discursos da Teologia do Domínio são utilizados nas peças, tanto nos textos quanto nas representações visuais e como os elementos cênicos, como a iluminação, figurino e sonoplastia, são usados para transmitirem essas ideias.

Julgo esse tema como relevante para o debate político atual pois, ao não notarem a disseminação da Teologia do Domínio pelo Brasil, os cientistas sociais não conseguiram prever de forma eficiente a forte adesão ao projeto político de extrema-direita pelos evangélicos neopentecostais (PEREIRA, 2023, p. 168). Ao utilizar meios pouco rastreáveis para propagar a TD — “nas salas de estar, reuniões da igreja, estudos bíblicos, homeschooling e pequenas conferências organizadas por fiéis adeptos do movimento” (PEREIRA, 2023, p. 168) —, essa teologia só foi notada quando já estava amplamente espalhada pelo país e, por consequência, menos estudada ao longo dos anos (PEREIRA, 2023, p. 168).

Além disso, como arte também compreende a dimensão política, creio que seja de suma importância analisar todas as vertentes que a TD pode alcançar para cumprir seus objetivos. É interessante também refletir sobre como as peças teatrais religiosas podem influenciar politicamente os cidadãos que só têm acesso à cultura por meio das igrejas da sua comunidade.

Para entender como os elementos cênicos fazem parte do projeto político, iremos dividir os assuntos em seções nesta parte do trabalho. Em um primeiro momento, discuti sobre o advento da extrema direita e sobre o crescimento dos evangélicos dentro da política. Em seguida, me aprofundei na Teologia da Batalha Espiritual, na Teologia do Domínio, no estudo das crenças escatológicas e do milenarismo, na história da igreja Ministério Internacional da Restauração (MIR), os conceitos de enquadramento e também apresentei conceitos básicos de uma peça teatral. Logo depois, as peças foram analisadas, tanto no âmbito teatral quanto no âmbito político e comunicacional. Posteriormente, apresentei as conclusões feitas a partir das investigações.

1. O ADVENTO DA EXTREMA-DIREITA BRASILEIRA E SUA RELAÇÃO COM O CONSERVADORISMO E O NEOPENTECOSTALISMO

A discussão sobre o fim da chamada “direita envergonhada” ao longo dos anos e como esse “desavergonhamento” foi gerado pelas bancadas evangélica e da bala na Câmara dos Deputados, juntamente com o esquecimento da população brasileira da ditadura militar é feita por Madeira e Quadros (2018). No texto dos autores, eles voltam a 1987, época da Constituinte. Segundo os autores, nenhum deputado se declarava como de extrema-direita; apenas 6% dos deputados entrevistados se declarava como “centro-direita”.

“Direita envergonhada” era um termo utilizado para descrever o sentimento de pessoas e parlamentares de direita depois da ditadura militar de 1964. Há uma ligação intrínseca entre a direita e a ditadura e que, depois de matar, torturar e exilar brasileiros por 21 anos, ninguém queria estar vinculado ao regime ditatorial. Por isso, visando se eleger, os políticos da direita não diziam ser de direita ou de extrema-direita, mas sim, de centro ou de centro direita.

Os autores, utilizando-se de conceitos de outros pensadores como Bobbio, Burkes, Lukes e Kirk, explicitam que “direita” e “conservadorismo” são conceitos que estão conectados, pois os valores pregados e defendidos pela direita são valores que tendem a manter o status quo, a valorizar as tradições, a temer mudanças bruscas e repentinas enquanto a esquerda busca romper esses costumes para diminuir ou até mesmo abolir as desigualdades. Também é dito por Cepêda (2018) que, enquanto a direita vê as desigualdades como um

limite natural, a esquerda se orienta pelo desejo de superar esse limite e trazer a igualdade (p. 44).

Indo mais ao passado nessa discussão, Borri, Brites, Oliveira e Silva (2014) e trazem o conceito de direita e esquerda desde sua origem, na Revolução Francesa, fazem uma breve linha do tempo e, em seguida, afirmam: “No plano político, conservadores e reacionários historicamente se mantiveram no campo ideológico da direita, resistindo a mudanças estruturais que levassem a perdas de poder econômico e político.” (p. 411). Baquero, González e Grohmann (2021) chegam à mesma conclusão dos autores supracitados: “Ainda que não seja impossível uma versão conservadora de esquerda (o modelo soviético na era Brejnev poderia ser descrito desta forma), o termo em geral é identificado com posições de direita (BOBBIO, 2001), em particular a reacionária [...]” (p. 14).

Continuando a linha do tempo, anos depois, ao analisar o Congresso Nacional pós - Constituinte, Zucco Jr. (2011) continua observando esse comportamento nos parlamentares brasileiros, ou seja, continuar se posicionando mais à esquerda na escala ideológica do que “realmente” são. Seguindo os dados da Pesquisa Legislativa Brasileira (PLB) de 2009, os resultados mostraram que a direita brasileira continuava envergonhada. Contudo, conforme os anos foram passando, os deputados conservadores ganharam mais espaço no Congresso, enquanto os deputados mais progressistas sofreram uma redução significativa.

Os discursos ideológicos, como o aborto, o comunismo e o fechamento de igrejas (MARTINS, OLIVEIRA, 2021 e BAQUERO, GONZÁLEZ, GROHMANN, 2021), eram temas durante as eleições dos anos 1980 e início dos anos 1990, com uma tentativa de deslegitimar o candidato da esquerda, Luiz Inácio Lula da Silva. A retórica ideológica arrefeceu durante os pleitos de 1994, 1998, 2002 e 2006. Fuks e Marques (2020) explicitam que alguns autores, como Carreirão, mostram que a ligação entre ideologia e voto sofreu um forte declínio quando se comparava os pleitos de 2002 e 2006. Contudo, no artigo dos autores, eles demonstram como esse declínio foi interrompido e, ainda mais, como o rumo se inverteu em 2018.

Em 2010 e 2014, o discurso ideológico volta a ser o centro das atenções nas eleições ao se discutir o passado da candidata Dilma Rousseff e sua suposta ligação com as guerrilhas urbanas que lutavam contra a ditadura militar de 1964 (BAQUERO, GONZÁLEZ, GROHMANN, 2021 e MADEIRA, QUADROS, 2018).

Depois disso, em 2016, acontecem o impeachment da presidenta Dilma, a Operação Lava Jato¹, os escândalos de corrupção do Partido dos Trabalhadores (PT) que foram descobertos durante as investigações da Operação e outros acontecimentos que debilitam ainda mais a ala esquerdista e, conseqüentemente, fortalecem a ala direitista. Até que chega 2018, um ano de eleição marcado pelo aumento da polarização, especialmente a polarização afetiva, que é “o aumento da desafeição entre grupos políticos rivais” (Iyengar; Sood; Lelkes, 2012 apud FUKS, MARQUES, 2023, p. 562), e pelo crescimento das pautas ideológicas como fatores de extrema importância para o voto (FUKS, MARQUES, 2023). Juntando o esquecimento do povo brasileiro sobre a ditadura militar, o aumento da polarização e a crescente extrema-direita, que perdeu a vergonha de seu passado devido ao esquecimento da população, temos a ascensão de Jair Messias Bolsonaro ao poder, um candidato declaradamente de extrema-direita, conservador, com discursos ofensivos e que captou a atenção do público evangélico.

Ao trazer alguns fatores conjunturais para a instauração da crise democrática nacional e o favorecimento da organização social e política das direitas brasileiras, Solano (2018) também traz o argumento que a reconfiguração social pode ter influenciado no crescimento da ala direitista. Segundo a autora:

[...] a reconfiguração social brasileira, como consequência da inclusão social promovida pelo petismo com a diminuição drástica da miséria, o aumento significativo das taxas de emprego, o crescimento de uma nova classe consumidora, modificando a morfologia das regiões periféricas do país, são elementos muito importantes para levar em consideração na análise do comportamento social brasileiro nos últimos anos. (SOLANO, 2018, p. 3).

Solano utiliza o argumento de que a raiva da classe burguesa e das elites pelo Partido dos Trabalhadores, que foram os que mobilizaram essa reconfiguração social, fizeram com que houvesse a união dessas classes e o advento da direita, em um contra-movimento a essa ascensão das classes mais pobres. A autora também destaca o papel das igrejas evangélicas como ator político e social, especialmente dentro de comunidades periféricas, como propagadoras de valores conservadores, capitalistas e meritocráticos.

A presença da religião na hora do voto nunca esteve tão forte quanto atualmente. Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 1980, 1991 e 2000, os evangélicos eram uma minoria no país, que era majoritariamente católico (CAMPOS, 2008). Os evangélicos foram crescendo ao longo dos anos, ainda segundo o

¹ Segundo Andrade e Gonçalves (2019), a Operação Lava jato foi “a maior investigação sobre corrupção já realizada no Brasil (MPF, 2017). Foi deflagrada em 17 de março de 2014 pela PF, por meio da unificação de investigações que apuravam crimes financeiros e desvio de recursos do erário público (PF, 2017).” (p. 2019).

IBGE, tornando-se uma peça importante do jogo político e fortaleceram a ideia de que “irmão vota em irmão”, lema muito divulgado por Edir Macedo, líder da Igreja Universal do Reino de Deus, a IURD (MARTINS, OLIVEIRA, 2021).

O pentecostalismo moderno, como chama Rocha (2020), nasceu nos Estados Unidos no início do século XX, popularizou-se entre as camadas menos assistidas da sociedade e conquistou o público “que se sentia excluído do intelectualizado protestantismo tradicional” (ROCHA, 2020, p. 611), que eram os negros e os imigrantes. Em uma tentativa de remontar o Dia de Pentecostes (o dia descrito na Bíblia, no livro de Atos dos Apóstolos, em que os discípulos de Jesus receberam o Espírito Santo e receberam o dom de falar em línguas), os pentecostais conservadores elevaram as experiências de êxtase religioso (gritos, choros, falas em línguas estranhas) a um outro nível. Os pentecostais conservadores acreditavam que Deus tinha um plano para eles, uma “bênção especial” que os permitiam reviver o dia de Pentecostes por diversas vezes através da fé, não sendo mais uma experiência única (Rocha, 2020). Esse argumento da extraordinariedade do “Povo de Deus” é usado até hoje, quando algum evento (político ou não) acontece. Por exemplo: quando Jair Bolsonaro ganha as eleições, ele é tido como o “escolhido de Deus” para salvar o Brasil da esquerda e do comunismo.

Em seu texto, Cowan (2014) traz uma linha do tempo sobre a atuação dos evangélicos conservadores brasileiros, e explana que nos anos 1960, os evangélicos não se misturavam com a política, pois política era vista como “coisas do mundo”:

[...] de acordo com as prescrições evangélicas tradicionais, os crentes devem, cuidadosamente, mesmo obsessivamente, evitar as coisas deste mundo. Isto significava, explicitamente, a negação da política e do político. Ou seja, durante a maior parte da história dos evangélicos no Brasil, a política mundana provocava não só desaprovação, mas aversão visceral. A máxima “a César o que é de César e a Deus o que é de Deus” aparecia como um refrão frequente, quase reflexivo, uma advertência aos fiéis à gestão degradada dos assuntos terrestres. (COWAN, 2014, p.107).

Esse comportamento muda quando algumas igrejas conservadoras de diversas vertentes e veículos evangélicos começam a ter uma visão mais moderada sobre as “coisas do mundo”, abandonando a perspectiva apocalíptica da Terra, entre os anos de 1970 e 1980 (COWAN, 2014, p. 109). Os evangélicos adotaram um comportamento de defensores da moral e adentraram a política com essa pauta.

Ainda no texto de Cowan (2014, p. 103 e seg), é possível ver que a crescente presença de evangélicos na política se intensifica após a redemocratização, durante a Assembleia

Nacional Constituinte (ANC), em 1988. O autor explica que as bases do que viria a se tornar a bancada evangélica nasceram durante a ANC.

Durante as eleições de 1989, Fernando Collor foi fortemente apoiado por praticantes evangélicos pentecostais, que divulgavam desinformação sobre o candidato Lula. A retórica dos evangélicos em 1989 foi praticamente a mesma da defendida por eles durante as eleições de 2022: Se ganhar, Lula vai fechar as igrejas; Lula vai descriminalizar as drogas e o aborto; Lula é comunista (MARTINS, OLIVEIRA, 2021). Cowan (2014, p. 102-103) também mostra em seu texto a retórica conservadora dos evangélicos durante a ANC e como é possível ver os evangélicos da direita conservadora usando argumentos de sua própria fé para legislar em um Estado laico (p. 103), e se posicionando contra o “ecumenismo” (2014, p. 105 e seg).

Contudo, os evangélicos não tinham uma grande representação na política e cabia a eles ficar do lado dos governos da situação. Essa posição foi reforçada por causa dos comportamentos de Edir Macedo, uma das maiores lideranças da época (e até os dias atuais). Segundo Martins e Oliveira: “Desde a primeira eleição direta para a Presidência da República, a cúpula iurdiana vem se alinhando aos ocupantes do Palácio do Planalto, sejam estes governantes considerados de direita, esquerda ou centro.” (2021, p. 239).

Como foi explicitado anteriormente, o discurso ideológico volta ao cenário político em 2010, com Dilma Rousseff sendo chamada de comunista. Os evangélicos que se mostravam conservadores e de direita ganharam força e mais espaço no tabuleiro político ao mesmo tempo em que a direita envergonhada gradualmente desaparecia. Ao juntar os eventos do advento da extrema-direita com os comportamentos religiosos, culminaram em 2018, com a eleição de Bolsonaro e o apoio massivo das lideranças evangélicas neopentecostais a candidatos na parte mais extrema da direita.

No texto de Almeida (2020), é mostrado que o discurso conservador e religioso de Bolsonaro e das lideranças evangélicas usa como escudo a frase “O Brasil é laico, mas a sociedade é cristã” para proteger seus próprios interesses e proteger a sociedade da “falta de moral”:

[...] atualmente no Brasil e América Latina, o que se destaca são setores religiosos à direita com ênfase na moralidade e nos comportamentos. A atuação dos evangélicos no Legislativo envolve, além das questões de interesse geral para o país, os interesses corporativos do segmento e a pautas dos costumes e comportamentos. (ALMEIDA, 2020, p. 429).

Dentre esses discursos reproduzidos pelos líderes neopentecostais, há também a narrativa de trazer cada vez mais pessoas para a igreja, uma vez que creem que a volta de Jesus à Terra está mais próxima a cada dia. Com o intuito de propagar a sua mensagem ao

máximo de pessoas possível, as lideranças religiosas evangélicas aderem quatro movimentos neopentecostais importantes para este trabalho, e que serão explicados na próxima seção: A Visão Celular, a Teologia da Batalha Espiritual, a Teologia do Domínio e o estudo das crenças escatológicas.

2. VISÃO CELULAR E RESGATE DA NAÇÃO: DAS TEOLOGIAS AO TEATRO

No texto de Cecília Loreto Mariz (1999), a autora diz que, com o avanço da globalização, observa-se um fenômeno paradoxal: o crescimento tanto da pluralidade religiosa quanto do fundamentalismo. Esse contexto reflete um aumento de pessoas em busca de uma espiritualidade intimista e desinstitucionalizada, ao mesmo tempo em que cresce a adesão a religiões conservadoras e autoritárias.

No contexto brasileiro, observa-se o crescimento de grupos religiosos que defendem uma ortodoxia rígida e promovem “guerras espirituais” contra outras religiões, práticas sincréticas e o individualismo religioso, mesmo que essas práticas sincréticas estejam presentes nos rituais das religiões ocidentais mais conservadoras, como Mariz demonstra durante o seu trabalho (1999, p. 38).

Tradicionalmente, o sincretismo marcou a religiosidade no Brasil, especialmente entre as camadas populares. Entretanto, a crescente popularidade de um estilo religioso confrontador era uma novidade à época do texto de Mariz, particularmente entre as classes sociais menos privilegiadas. Essas comunidades, historicamente receptivas a religiões mais tolerantes, agora demonstravam adesão a práticas que enfatizam o confronto e as acusações explícitas, conforme destaca Mariz (1999).

Nesse cenário, a teologia da “guerra espiritual” ganha destaque. Ela associa a evangelização à luta contra o demônio, visto como onipresente em males sociais, sofrimentos individuais e na prática de religiões não cristãs. A crença de que religiões espíritas, afro-brasileiras e até mesmo o catolicismo são “demoníacas” é comum entre evangélicos brasileiros, com destaque para a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), que frequentemente identifica o catolicismo como obra do demônio.

Os autores que analisam a teologia da guerra espiritual apontam sua natureza global e fazem críticas ao seu caráter excludente e opressor. A prática de demonizar “inimigos” remonta a períodos históricos como a perseguição aos judeus, as guerras contra bruxas e o extermínio de indígenas (Mariz, 1999). No Brasil, essa abordagem é mais evidente entre grupos pentecostais e neopentecostais, que pertencem majoritariamente às classes mais pobres. A exclusão social fomentada pela modernidade, que limita o acesso à educação e

marginaliza as populações desfavorecidas, favorece a criação de soluções religiosas que proporcionam alívio mágico e emocional.

Essa teologia é criticada por sua alienação, desviando a atenção dos verdadeiros problemas sociais e políticos ao focar no combate ao diabo (ORO, 1996 apud MARIZ, 1999). Ela também estimula o retraimento ao espaço privado de suas próprias comunidades, em que os fiéis percebem o mundo exterior como demoníaco. Além disso, a teologia da guerra espiritual relativiza a culpa individual, ao deslocar a responsabilidade para forças externas, como o diabo ou as desigualdades sociais.

Apesar dessas críticas, Mariz argumenta que a religião no Brasil nunca passou por um desencantamento, permanecendo uma esfera mágica e profundamente arraigada nas crenças populares. O sincretismo, característico da cultura brasileira, contrasta com a dicotomia rígida da teologia da guerra espiritual. A cordialidade, a flexibilidade moral e a permeabilidade entre “bem” e “mal” das religiões afro-brasileiras são vistas como incompatíveis com a visão excludente dos neopentecostais. Contudo, até mesmo a teologia da guerra espiritual apresenta elementos de sincretismo, ao incorporar práticas como rituais de possessão (BIRMAN, 1997 apud MARIZ, 1999, p. 38). A reação à ofensiva neopentecostal varia entre grupos religiosos. Enquanto os afro-brasileiros apresentam uma resistência fragmentada, sustentada por sua flexibilidade e resiliência histórica, os católicos reagem de forma mais vigorosa devido à sua visão universal do mal, que é compartilhada pelos grupos neopentecostais.

Outra teologia de extrema importância que vale a pena ser destacada é a chamada Teologia do Domínio. Segundo o texto de Eliseu Pereira (2023, p. 151), citando M. Cunha, a Teologia do Domínio (TD) pode ser definida como “a busca da reconstrução da teocracia na sociedade contemporânea, no cumprimento da predestinação dos cristãos/ãs ocuparem postos de comando no mundo (presidências, ministérios, parlamentos, lideranças de estados, províncias, municípios, supremas cortes) – o domínio religioso cristão – para incidirem na vida pública”.

Uma das doutrinas mais conhecidas da TD é a dos Sete Montes, em que diz que a vida de uma pessoa é cercada por sete áreas: família, religião, educação, mídia, lazer, negócios e governo. O que significa que, para os cristãos ocuparem espaços importantes, eles precisam ocupar todos os setores que cercam as vidas das pessoas.

Como a teologia brasileira é importada dos Estados Unidos, como visto no bloco anterior, a Teologia do Domínio veio forte e foi aderida pelas igrejas neopentecostais. Várias são as declarações de líderes e políticos evangélicos dizendo que a igreja iria conquistar espaços de destaque, como Ana Paula Valadão: “ ‘Cristãos serão colocados em lugares

estratégicos, lugares de autoridade, de decisão, de influência, nas empresas. Também na política, no governo, nas artes, na mídia. Nós estaremos sendo enviados pelo Senhor como embaixadores do seu reino' (Ana Paula Valadão, Programa Diante do Trono, 12 de fevereiro de 2014)” (ROSAS, 2015, p. 250).

Ana Paula Valadão é uma das grandes representantes do cenário musical gospel, com a banda Diante do Trono (DT). Por meio dos shows ao vivo, ela alcançou grande destaque no âmbito cultural, cumprindo sua palavra em estar em lugar estratégico nas artes e na mídia. No texto de Nina Rosas (2015), é possível ter um bom panorama do tamanho da influência de Valadão, e como a Teologia do Domínio foi usada para alcançar o grande público. Foi nessa lógica de dominar os “montes” da Teoria dos Sete Montes que o DT encontrou uma justificativa para aparecer em emissoras de TV e programas seculares: mudar a mente da sociedade entrando em suas casas e “invadindo” seus programas de TV favoritos (p. 249).

Percebo ser relevante para este estudo os conceitos de crenças escatológicas e milenarismo no contexto neopentecostal. O autor Daniel Rocha (2010) propõe que as crenças religiosas devem ser compreendidas tanto a partir das causas intra-históricas, como necessidades econômicas e conjunturas sociais, quanto pelo fato de que tais crenças também influenciam novos projetos políticos, necessidades econômicas e contextos sociais. Essa relação bidirecional demonstra o impacto das crenças religiosas na política e na sociedade, especialmente no que concerne à escatologia, ou seja, a doutrina dos fins últimos do homem e do universo.

Le Goff (apud ROCHA, 2010) define a escatologia como "o corpo de crenças relativas ao destino final do homem e do universo", um ponto teológico que abrange o fim dos tempos e a promessa de um lugar de paz e justiça. A esperança no “reino de Deus” e no reino milenar impactou profundamente a sociedade ocidental, fundamentada principalmente no livro bíblico de Apocalipse, capítulo 20, que aborda a volta de Cristo para um reinado de mil anos antes do fim do mundo. Para muitos, especialmente os que enfrentam adversidades, essa esperança oferece consolo, reforçando que o sofrimento terreno é temporário. Essa crença no reinado de Cristo de mil anos se chama milenarismo.

Resumidamente, existem quatro visões de milenarismo, segundo Keith Mathison (2014), mas falarei apenas das duas visões que Rocha menciona: o pré-milenarismo e o pós-milenarismo. Ambos acreditam na vinda do milênio e na volta de Cristo, o que muda é a ordem que acontecerão. Os pré-milenaristas têm uma visão mais literal dos acontecimentos de Apocalipse 20, acreditam que Cristo voltará antes desses mil anos de reinado e que estes serão tempos de regozijo para a igreja.

Já os defensores do pós-milenarismo acreditam que Jesus voltará depois dos mil anos de reinado, quando todas as nações estejam voltadas para Cristo. Isto quer dizer que, para acelerar a segunda vinda de Cristo, é necessário colocar a Igreja “num papel de transformar todas as estruturas sociais antes da Segunda Vinda, e lutar para trazer uma ‘Era Dourada’ de paz e prosperidade com grandes avanços na educação, artes, ciência e medicina.” (ROGERS, 2004). Conseguimos ver aqui algumas das características da Teologia do Domínio.

A história dos Estados Unidos é apresentada como um laboratório para se estudar a relação entre crenças escatológicas e questões político-sociais. A história da escatologia teve origem nos Pais Peregrinos, que saíram da Europa buscando fundar uma nação sob o domínio de Deus, vendo o continente americano como a “terra prometida” descrita nas Escrituras. Estes peregrinos, influenciados por uma visão milenarista, acreditavam estar “fazendo história” ao construir uma nação cristã que iluminaria o mundo.

Essa perspectiva também impulsionou missões para disseminar o modelo estadunidense de política, sociedade e religião. Ao longo dos anos, o milenarismo tornou-se mais secular, movendo-se de uma expectativa bíblica para uma visão mais laicizada dos eventos históricos (DELUMEAU apud ROCHA, 2010). No entanto, momentos de depravação moral reacenderam o milenarismo bíblico, reafirmando a missão dos Estados Unidos como uma nação eleita para difundir valores políticos e culturais, como ilustrado pela ideia do “Manifest Destiny”. Segundo Moltmann (apud ROCHA, 2010), essa doutrina legitimava até mesmo intervenções violentas em nome da democracia e da verdade.

Com o passar do tempo, questões como racismo e a Guerra Civil norte-americana desviaram o foco da visão milenarista, abrindo espaço para uma religiosidade mais individualista. Nesse contexto, emergiu o fundamentalismo religioso, caracterizado pela oposição ao secularismo e pela defesa intransigente dos valores cristãos. Os conservadores, por meio da série de volumes “Os Fundamentais”, reafirmaram a Bíblia como fonte absoluta e inquestionável de verdade histórica e científica. O fundamentalismo forjou dicotomias entre bem e mal, elegendo como inimigos o Estado secularizado, a ciência moderna e o liberalismo teológico.

A politização do fundamentalismo estadunidense ocorreu em duas etapas: a defesa da fé e a defesa da América Cristã. Sob a perspectiva neofundamentalista, os cristãos não deveriam se afastar do mundo, mas sim lutar para preservar o status quo social, cultural, religioso e político. Essa visão encontrou espaço no cenário político a partir dos anos 1970, especialmente com debates sobre o aborto e outras questões conservadoras. Lideranças

fundamentalistas ganharam influência no Partido Republicano e nos governos de Ronald Reagan e George W. Bush.

Durante a Guerra Fria, o discurso fundamentalista também foi usado para confrontar os "comunistas ateus soviéticos", intensificando as crenças apocalípticas, que se fortaleceram após os ataques nucleares de Hiroshima e Nagasaki (WOLJCIK apud ROCHA, 2010, p. 214).

Pré-milenaristas e pós-milenaristas também defendem a aplicação plena das leis divinas à sociedade atual, considerando-as imutavelmente justas (GENTRY JR. apud ROCHA, 2010, p. 217). Esses grupos adaptaram suas crenças aos contextos modernos, utilizando novas mídias, como livros e filmes, para divulgar suas ideias apocalípticas e politizadas. Segundo Rocha, essa capacidade de adaptação demonstra a relevância contínua do milenarismo na contemporaneidade. Rocha conclui que estudar o fundamentalismo religioso requer observar suas reações a períodos de crise. Nesses momentos, o fundamentalismo evidencia sua insegurança diante das mudanças sociais e sua intolerância baseada na convicção de possuir a verdade absoluta.

No contexto contemporâneo, o milenarismo destaca-se como Reconstrucionismo, ou Teologia do Domínio, explicada anteriormente. O pensamento de criar uma nova cultura, substituindo a cultura secular pela religiosa, é um projeto que envolve a TD. Para além da música, livros e filmes, a cultura gospel² se utiliza das artes visuais e cênicas para alcançar seus objetivos. Um dos grandes eventos que se apropriam das artes cênicas como modo de conversão é o Congresso Resgate da Nação.

O Congresso Resgate da Nação é um evento anual promovido por uma igreja amazonense chamada Ministério Internacional da Restauração (MIR), liderada pelo Pastor Renê Terra Nova (1961-), que acontece há 25 anos. Esse congresso se dá sempre na época da semana do dia 21 de abril em Porto Seguro, um local e data simbólicos para a história brasileira devido ao “descobrimento” do Brasil. É uma semana cheia de pregações de pastores famosos, cultos, eventos, workshops e peças teatrais. Segundo o próprio site do evento:

Os discípulos da Visão Celular no Modelo dos 12, de Manaus, do Amazonas, de cada Estado do Brasil e das nações da Terra se reúnem, anualmente, para agradecer a Deus pelos milagres que Ele tem manifestado no nosso país, limpando, transformando e estabelecendo um tempo novo sobre os céus do Brasil e sobre a vida do nosso povo. Cremos que os Atos Proféticos, a oração, o jejum e a intercessão da Igreja do Senhor movem a mão do Todo-Poderoso em direção à nossa Nação, por isso, hoje podemos ver e viver os grandes feitos do Senhor em tantas outras áreas. Em cada edição, vivenciamos os milagres e contemplamos a poderosa mão do Senhor nos direcionando para um tempo de avivamento em nossas

² Segundo Cunha (2004), a cultura gospel pode ser definida como um “modo de viver e experimentar a religião, composto por um “sistema de significações” resultante de todas as formas de atividade social dos evangélicos.” (p. 305).

geografias. Nossa Nação está sendo limpa, liberta, curada, restaurada e isso é fruto do que plantamos em Porto Seguro.

A Visão Celular no Modelo dos 12, conhecido popularmente como M12, é um modelo eclesialístico de evangelização que divide os membros da igreja em células. Esse modelo foi inspirado em um modelo de igreja que Renê Terra Nova conheceu na Coreia, em uma das maiores igrejas celulares do mundo, e quis replicar no Brasil. Segundo o próprio Terra Nova, o Modelo dos 12 segue os padrões e ensinamentos de Jesus — que tinha 12 discípulos — e o objetivo desse grupo seria “criar influência sobre as pessoas” (TERRA NOVA, 2022).

Atualmente, existem vários apóstolos e apóstolas espalhados pelo país que fazem parte do grupo M12, como o Apóstolo Jacy Rocha Monteiro, de São Luís/MA, o Apóstolo João Garcia de Araújo, de Aparecida de Goiânia/GO e o Apóstolo Francisco Ferreira dos Santos, de Samambaia/DF (BEZERRA, 2011). Ainda segundo Bezerra, existem outros dois apóstolos além de Francisco que são líderes de igrejas em Brasília e que fazem parte do grupo M12.

Segundo o site do M12, o modelo celular tem como objetivo o crescimento e a multiplicação. O modelo também visa criar líderes, além de aproximar os membros de Jesus Cristo. As etapas da visão celular, ainda segundo o site, seriam quatro: ganhar, consolidar, discipular e enviar:

Ganhar	A primeira etapa consiste em ganhar vidas para Jesus e trazer pessoas para dentro da igreja, acolhendo-as dentro das células, que são divididas por faixas etárias. Nesse momento, é uma espécie de fidelização com a igreja, atraindo a pessoa para os grupos, cultos, orações e louvores, e fazendo-a se sentir à vontade.
Consolidar	Agora que há um convertido, essa é a parte de “acompanhar” a evolução desse novo crente dentro da igreja, conhecendo sua vida, visitando-o e ensinando o Caminho da Salvação. Segundo essa visão, o novo convertido está passando por uma fase

	delicada e que não pode deixá-lo sozinho (no sentido de deixá-lo sair da célula). É nesse momento também que o novo cristão é estimulado a entrar na Escola de Líderes e cumprir todos os ciclos da Visão Celular.
Discipular	Uma vez dentro da Escola, agora é o momento de ensiná-lo a ganhar outras vidas para Jesus, a trazer novos líderes para dentro da igreja. Ensinando a Palavra de Deus à essa pessoa, ela poderá espalhar os ensinamentos de Cristo para outras pessoas
Enviar	Nesse momento final, o líder já está formado e pode liderar sua própria célula e replicar o modelo em outras pessoas.

Ao usar esse modelo celular, a Igreja conseguiu crescer exponencialmente, tornando-se mais numerosa e com maior notoriedade nas mídias. O Congresso Resgate da Nação é um dos mais bem sucedidos do MIR, visto que todas as Igrejas do grupo M12 espalhadas pelo país se reúnem em um mesmo lugar, além dos convidados famosos e internacionais, para um mesmo evento.

Essa semana de eventos também inclui peças teatrais sendo encenadas todos os dias durante os cinco dias de evento para corroborar as mensagens passadas pelos pregadores. No caso do evento de 2021, o evento aconteceu do dia 20 ao dia 24 de Abril de 2021. Utilizando dos elementos da linguagem teatral como cenografia, figurinos, iluminação, sonoplastia e trilhas sonoras em um palco italiano, atores representam certa mensagem que causam um impacto visual e auditivo significativo nos seus espectadores, no caso, os fiéis: “Diante das representações artísticas como teatro, dança e música, e do Evangelho, os valentes de Deus puderam ter conhecimento sobre os acontecimentos históricos para redimir a história do Brasil pelo poder da Palavra do Senhor.” (BANDEIRA, 2024, p. 8).

No site do Congresso Resgate da Nação de 2021, a Igreja afirma que o poder da oração dos cristãos pode mover a mão de Deus para abençoar o Brasil e, devido a essas intercessões da igreja, o Senhor mudou e ainda está mudando os rumos políticos e

econômicos da nação. No texto, eles reforçam sua posição política para uma ideologia mais à direita, mais especificamente para o apoio ao ex-presidente Jair Bolsonaro, ao afirmar: “Temos a alegria de contemplar um Presidente que teme a Deus e uma Primeira-dama que professa Jesus como Senhor e Salvador.”.

O Ministério também acredita que suas orações durante o Congresso para Israel contribuem para uma boa relação entre os israelenses e os brasileiros e também para os planos de Deus para o Brasil. Eles creem que Deus está abençoando e limpando o nosso país por causa das suas súplicas de ter a nação restaurada e voltada para Cristo.

Entendo também ser de suma importância a explicação de alguns conceitos básicos da linguagem cênica antes de iniciar a análise das peças do Congresso. Segundo Sábato Magaldi, em seu livro “Iniciação ao Teatro” (1965), o teatro dramático é composto por uma tríade: ator, texto e público. Não há peça teatral sem esses três elementos essenciais. Os outros elementos cênicos, como maquiagem e cenário, podem ajudar muito o ator a transmitir o texto para o público, mas eles não são essenciais.

Para que o ator possa transmitir a mensagem ao público da melhor forma possível, ele pode usar outros elementos que ajudem nessa tarefa. Um deles é o palco, que é o espaço onde acontecerá o espetáculo. Este palco pode ser, literalmente, um palco de teatro, mas pode ser uma arena, um estádio, um museu e até espaços públicos, como ruas, calçadas e monumentos. Quando se trata de espetáculos que acontecem dentro das igrejas, geralmente estamos falando do palco italiano, que é o palco mais comum e utilizado: Um espaço retangular, cercado por três paredes fechadas (duas laterais e uma ao fundo) e uma parede aberta ao público. Esse tipo de palco proporciona uma visão frontal do espectador, permitindo que todos os ângulos de visão sejam os mesmos (MAGALDI, p. 25).

Para complementar o palco, existe também a cenografia, que é a junção da pintura e da arquitetura para ambientar a peça teatral, contextualizando o público no espaço-tempo. Já a iluminação ajuda nessa ambientação do espaço, e também auxilia a guiar o público no palco. Por exemplo, se há vários atores em cena, mas apenas dois deles participando de um diálogo, a iluminação tem a função de pôr o foco e a atenção do espectador nessas duas pessoas. Como foi explicado por Braccialli (2015), “o modo como uma cena é iluminada (em intensidade, diversidade, direções focais e escolhas cromáticas) influi diretamente sobre a maneira como é percebida, podendo incorporar-se aos elementos da narrativa e das tensões dramáticas e simbólicas apresentadas.” (p. 61)

O figurino e a maquiagem têm a função de caracterizar a personagem para que o público consiga identificá-la. Conforme explicado por Andréia Queiroz (2023): “O figurino,

assim como a maquiagem, se comunica com a plateia antes mesmo do ator proferir sua fala, portanto ambos podem ser convertidos em suporte para a encenação e tornam-se importantes elementos visuais, com a função de amparar a composição do ator na construção do personagem.”. Um exemplo clássico das igrejas é a caracterização de Jesus: um homem com barba, túnica branca e lenço vermelho.

Por último, mas não menos importante, temos a sonoplastia. Segundo César Lignelli (2015), a sonoridade de uma peça pode ser tanto a palavra em si (falada ou cantada), a música, a sonoplastia e a organização desses elementos no espaço-tempo da peça. O autor também explica que a sonoplastia é “todo som de origem referencial (não caracterizado como palavra nem como música) que se encontre no uso habitual em um dado contexto, produzido para e/ou na cena teatral (...), pode exercer funções dramáticas e discursivas (...)” (p. 147).

No contexto das interações humanas, seja no teatro ou não, a palavra falada tem sua importância. Mas mais do que isso, o contexto, os significados e as mensagens transmitidas por meio da fala também têm relevância ímpar. Para entendermos melhor a magnitude dessa ferramenta, iremos discutir a seguir sobre o conceito de enquadramento.

O enquadramento é uma ferramenta teórica usada para captar a dimensão simbólica e interpretativa das relações sociais. Desenvolvido inicialmente por Gregory Bateson e expandido por Erving Goffman, o conceito se tornou fundamental em estudos sociológicos, políticos e comunicacionais. Enquanto Bateson introduziu esse conceito em seus estudos de psicologia, Goffman trouxe essa concepção para as relações sociais cotidianas (MENDONÇA, SIMÕES, 2012).

Para Bateson, toda mensagem apresenta, além de um nível denotativo (conteúdo), um nível metalinguístico e um nível metacomunicativo (BATESON, 2002 apud MENDONÇA, SIMÕES, 2012). O nível metalinguístico refere-se à forma como a própria mensagem reflete sobre a linguagem, por meio de elementos implícitos e explícitos. Já o nível metacomunicativo envolve aspectos que definem a relação estabelecida entre os interlocutores. Dessa forma, Bateson enfatiza que os enunciados contêm, além de conteúdos, marcas que orientam a interação (MENDONÇA, SIMÕES, 2012). O enquadramento, segundo Bateson, permite que os interlocutores compreendam as regras e o tom do diálogo em andamento, obedecendo, assim, às normas de comunicação.

Goffman também estudou o conceito de enquadramento e tornou-se mais conhecido na comunidade científica por suas contribuições. Para ele, o enquadramento possibilita que os participantes de uma interação compreendam o contexto e adotem posicionamentos adequados. Segundo Mendonça e Simões (2012), Goffman explica que, ao inserir-se em uma

situação, é necessário entender o quadro que a conforma. Ele define “frame” como o conjunto de princípios de organização que regem os acontecimentos sociais e o envolvimento subjetivo dos indivíduos neles (GOFFMAN, 1986 apud MENDONÇA, SIMÕES, 2012). Além disso, introduz o conceito de “footing”, que se refere ao posicionamento específico dos atores dentro de uma interação com enquadramento definido, embora sujeito a transformações (MENDONÇA, SIMÕES, 2012). Para Goffman, os indivíduos não são totalmente livres em suas interações sociais, pois estão condicionados pela situação, pela cultura e pelo passado.

Embora Bateson e Goffman tenham se concentrado em estudos de comunicação pessoal (seja entre psicoterapeutas e pacientes, seja nas micro comunicações do dia a dia), o conceito ganhou relevância no estudo de discursos midiáticos e políticos. Três categorias principais de análise são explanadas por Mendonça e Simões, embora existam muitas outras. Para este trabalho, serão trazidas apenas duas: a análise da situação interativa e a análise de conteúdo discursivo.

A análise da situação interativa está alinhada aos estudos de Goffman e examina as regras de comunicação adequadas a cada contexto ou quadro, além de considerar a possibilidade de ajustes nesses quadros. A análise da situação para pensar em uma ação aproxima o enquadramento do conceito de “contexto”, embora ambos não sejam sinônimos.

Já a análise de conteúdo discursivo busca compreender como enunciados e discursos constroem quadros interpretativos. Esse tipo de análise é comum em estudos de jornalismo e discursos políticos, abordando a forma como elementos da realidade são selecionados e apresentados em contextos específicos, promovendo definições particulares de problemas, interpretações causais, avaliações morais e recomendações de ação (ENTMAN, 1993 apud MENDONÇA, SIMÕES, 2012).

A análise de conteúdo discursivo enfatiza que o discurso estabelece o quadro na comunicação, funcionando como um “ângulo” que privilegia uma interpretação em detrimento de outras (MENDONÇA, SIMÕES, 2012). Essa abordagem é frequentemente utilizada para examinar como as narrativas moldam a percepção da realidade em eventos políticos e sociais.

Os autores defendem que essas vertentes podem ser articuladas em uma abordagem que considere tanto o contexto situacional quanto o contexto sociocultural. Essa perspectiva não descarta a relevância da análise de conteúdo, mas enfatiza a necessidade de situá-la em um pano de fundo mais amplo.

Por isso, seguindo o proposto por Mendonça e Simões, iremos observar como os atores estão transmitindo a mensagem, analisando tanto o discurso em si quanto a situação. Já

no teatro, a vocalidade é um elemento fundamental tanto para transmissão de mensagens quanto para se criar conexões com o espectador.

Depois dessa apresentação sobre os elementos teológicos, da Visão Celular e dos elementos teatrais, explicarei na próxima seção como as análises das peças cênicas foram feitas.

3. METODOLOGIA

Para coletar os dados necessários para esta pesquisa, irei analisar as peças teatrais que foram encenadas no Congresso Resgate da Nação 2021. Essas peças teatrais estão disponíveis no site do próprio MIR, por meio de pagamento para ter acesso a elas, e também estão disponíveis no site YouTube por meio de gravações independentes, feitas pelo público do Congresso.

O principal motivo para a utilização das análises documental, visual, sonora e teatral dos vídeos e gravações nesse trabalho é o formato da pergunta que estou tentando responder. Ao focar minha atenção às peças teatrais, aos elementos cênicos mais utilizados, à TD e à mensagem final, é possível inferir que a análise de discurso, imagens, voz, sonora e teatral serão cruciais para esse estudo de caso. Além disso, fica mais claro de enxergar se há objetivos políticos da Teologia do Domínio por trás de todos esses pontos e, se sim, como e por que.

Os dois espetáculos estudados não foram intitulados pelo MIR e nem durante a apresentação. Por isso, a fim de singularizar os objetos de análise, tomei a liberdade de nomeá-los.

As análises das peças, em um primeiro momento, se dão pelos elementos cênicos: qual é o cenário representado, quais são os elementos do cenário, como a iluminação da peça está disposta em cena, quais os figurinos usados pelos atores. Em um segundo momento, a análise irá focar em como os atores estão transmitindo o texto: como está a entonação da voz, o que está sendo dito. E em um terceiro momento, será a soma de todas as análises: como os elementos cênicos, visuais, sonoros, textuais e teatrais conversam com as ideias da Teologia do Domínio, quais são os meios teatrais mais utilizados para transmitir essa mensagem, como essa junção de informações chega ao espectador e, caso se aplique, como isso pode chegar a influenciar a opinião e os atos políticos desse público (FLORY, MATSUNAGA, 2022).

4. ANÁLISE DAS PEÇAS TEATRAIS E DOS ELEMENTOS CÊNICOS

4.1. Peça da Criação

A análise se inicia com a primeira peça³ de 18 minutos que foi encenada no Congresso Resgate da Nação de 2021. O grupo teatral representou a passagem da Criação do Mundo. A peça musical começa com uma narradora. A sonoplastia é amplamente utilizada ao longo da apresentação, aparentemente com o objetivo de comover o público. Todos os atores estão usando o microfone headset ou microfone auricular, permitindo que os atores cantem e dançam sem precisar segurar um microfone nas mãos. No início, a cena se passa em um breu, com a iluminação focando predominantemente na atriz principal — a narradora —, destacando-a em meio ao cenário simples e com poucos elementos. Como o palco também é utilizado pelos pastores e cantores durante o Congresso, o cenário precisa ser prático de montar e desmontar. Por isso, o telão é amplamente utilizado para complementar o cenário e para auxiliar na ambientação do espectador, fornecendo mais contexto visual necessário para a trama.

Depois de uma narração sobre as criações de Deus, como a luz e os mares, inicia-se uma música em que o foco foi exclusivamente nas imagens exibidas no telão. Muitos atores entram em cena, enquanto a narradora continua seu discurso. Os atores estão caracterizados de animais e árvores enquanto a atriz, no meio do palco, narra a criação do Jardim do Éden. Logo em seguida, a atriz se retira e o foco se torna o ator do leão, que inicia uma canção.

Os atores cantam e dançam durante a peça, e a sonoplastia é uma das principais características da performance. Os figurinos e a maquiagem podem produzir certo impacto realista na plateia. A iluminação, majoritariamente verde, remete à floresta e à vegetação, evocando um cenário natural e primitivo.

O enredo da peça aborda a criação do mundo na perspectiva cristã, com a música cantando sobre a criação da natureza, dos animais e, finalmente, do homem e da mulher. Após a canção do leão, a narradora volta ao centro do palco e discursa sobre a criação de Adão e Eva, que em seguida, também cantam. Porém, conforme narrado no livro de Gênesis, chega o momento em que a cobra aparece no jardim para tentar Eva com o fruto proibido.

Em um momento marcante do discurso da cobra, a atriz faz sua fala olhando diretamente para o público: “Você tem um tempo para conversar comigo?” Segue com a reflexão: “Com a palavra, Deus criou o mundo. Distorcendo a palavra, eu envenenei o mundo.” Quando a cobra surge e Adão e Eva comem a maçã, a iluminação do palco se torna

³ Essa peça está disponível no endereço <https://www.youtube.com/watch?v=NhNyw12HiS8>.

vermelha, criando uma atmosfera de malícia e pecado, sugerindo uma conexão com o diabólico.

O discurso de Adão, ao ser expulso do Éden, também é feito de forma emocional. Olhando para o público, ele diz: “Eu não perdi só um jardim. Eu perdi um relacionamento, perdi tudo que mais amava.” Em seguida, ele se volta para Eva e fala: “Não há motivo algum para viver uma vida sem Ele.” A cena é acompanhada por uma música gospel conhecida, sobre estar distante de Deus, evocando a letra “Distante de Ti, Senhor, não posso viver, não vale a pena existir”, buscando gerar grande comoção no público.

Durante os diálogos da peça, um piano toca suavemente ao fundo, com uma melodia calma e melancólica, o que contribui para uma atmosfera emocionalmente carregada e ajuda o público a se conectar ainda mais com as cenas.

4.2. Peça das Pragas do Egito

Nesta segunda peça⁴ de 23 minutos, também de 2021, vemos uma representação de uma comparação entre o povo de Deus que era escravo no Egito e o povo de Deus nos dias atuais. Neste espetáculo, o cenário também é simples, sem muitos elementos, pelo mesmo motivo de compartilhamento de palco com outras atrações do Congresso.

A peça musical inicia com imagens da novela “José do Egito”, da rede de televisão evangélica Record, passando no telão, apresentando de maneira resumida a trajetória de José até sua ascensão como governador do Egito. Mais uma vez, o telão está sendo utilizado para auxiliar na ambientação e oferecendo o contexto necessário para os espectadores. Quando o telão apaga, as falas dos personagens começam, marcando a entrada dos escravos do Egito em cena. A iluminação, com tons terrosos, visa transportar o público para o deserto, com areia e pirâmides ao fundo, enquanto os figurinos simples e modestos reforçam a realidade dos escravos. O cenário, composto por pessoas trabalhando e carregando pedras, transmite a dificuldade da vida dos personagens.

A peça então apresenta um diálogo entre dois escravos: um, desanimado e revoltado com sua situação, e outro, que tem plena convicção de que a palavra de Deus, que promete libertação, se cumprirá. A narradora da peça anterior retorna, fazendo uma comparação entre o povo escravizado no Egito e o povo evangélico atual, apontando que ambos se acostumaram com a escravidão e a vida em terras estranhas.

⁴ Essa peça está disponível no endereço <https://www.youtube.com/watch?v=yfdwl2XzCxM>.

Seguindo com o espetáculo, a peça apresenta uma encenação de um pastor em uma igreja contemporânea. O pastor prega para os fiéis, dizendo-lhes que não devem se esquecer de que não são moradores da Terra, mas sim do Céu, utilizando um discurso de “nós” versus “eles” e de “povo escolhido”. O cenário da igreja inclui bancos, com membros da igreja ouvindo o pastor, que está de pé à frente. Os antigos escravos permanecem no palco, agachados e sem iluminação.

O pastor chama um homem e uma mulher, que estavam vendo sua pregação, para se comprometerem com o evangelismo, mas ambos recusam devido à falta de tempo, trabalho e outras preocupações terrenas. O discurso do pastor então se volta para a crítica aos fiéis que se apegam às coisas da Terra em vez de se dedicarem ao Reino dos Céus. Virando-se para o público do Congresso, ele faz uma oração a Deus, questionando porque sua igreja não se importa com as coisas do Céu, repetindo: “Nós não somos daqui, nós pertencemos aos Céus”.

Logo, começa uma música cantada pelo pastor, com uma letra triste, em que ele lamenta a falta de foco dos fiéis e a rotina sem propósito de suas vidas. A canção continua a reforçar o tema do excepcionalismo cristão, enquanto os figurantes cantam: “Um dia, irei para o Céu, mas hoje estou na Terra” e o pastor, entoando, diz: “Não somos daqui, meus irmãos. Busquem as coisas do Alto”. Durante essa música, o contraste entre o pastor, vestido de terno, e os membros da congregação, que apesar de usarem roupas modernas como legging e blusa, continuam com as cores dos escravos do início, reforça a conexão entre os escravos do Egito e os “escravos” modernos, que se apegam demais às coisas terrenas e não se dedicam à vida divina.

Os fiéis contestam o pastor, alegando que têm uma vida para viver, mesmo acreditando no Céu. Nesse momento, a iluminação do palco se expande e os escravos egípcios retornam ao centro da cena. O escravo esperançoso começa a cantar, com o mesmo discurso de olhar para o Céu em vez de se prender às coisas da Terra. Uma coreografia conjunta entre os escravos e os fiéis reforça a ideia de que todos representam as mesmas pessoas, os escravos de antes e os cristãos de hoje.

Quando a música termina, a narradora retoma a palavra, afirmando que Deus criou o homem para ter um relacionamento com Ele, e que, embora a matéria do homem seja da Terra, sua essência é do Alto. Ela relembra que, ao se apegarem às coisas terrenas e se distanciarem de seu lugar de origem, o Céu, o povo de Deus se perdeu, e foi por isso que Ele enviou Moisés para lembrá-los de sua origem celestial.

Nesse momento, um ator caracterizado como Moisés surge no canto do palco, cantando sobre os mesmos temas tratados pelo pastor da igreja. Cenas da novela “José do

Egito” voltam a ser exibidas no telão, mostrando as pragas do Egito, que, segundo a narrativa bíblica, foram enviadas por Deus para libertar os escravos do domínio de Faraó e levá-los à Terra Prometida, uma alusão ao Céu.

Enquanto as cenas das pragas do Egito são projetadas, os atores que representam os escravos dançam no centro do palco, ao som de uma música tensa e com a iluminação em tons de vermelho, simbolizando novamente o mal e o diabólico. A narradora faz uma reflexão sobre as pragas, afirmando que elas lembram ao homem sua dependência de Deus.

Subitamente, a iluminação do palco se apaga completamente, deixando o foco no telão, que exhibe gravações reais de pessoas usando máscaras, desesperadas devido à falta de oxigênio nos hospitais durante a pandemia de COVID-19. A cena inclui imagens de pessoas passando mal, barulhos de ambulâncias, enterros em massa e outras reportagens, criando uma atmosfera de crise e desespero. Nesse momento, os fiéis da igreja começam a passar mal no palco, com dificuldades respiratórias, em uma clara alusão à atual “praga do Egito”. Um dos fiéis clama: “Me ajuda, Deus. Sopra vida em mim o fôlego de vida”. Outros figurantes também demonstram dificuldades para respirar, ao lado de cilindros de oxigênio e soros, até que um deles “morre” em cena, vítima da falta de ar, sem leito disponível no hospital, apesar de seus gritos por ajuda.

A peça, então, faz uma conexão entre os escravos do Egito, o povo evangélico de hoje e as dificuldades contemporâneas, refletindo sobre a busca espiritual em meio a um mundo de sofrimento e incertezas.

No cenário da peça, um telão exhibe uma imagem dividida ao meio. De um lado, o antigo Egito é representado com pirâmides e o deserto; do outro, uma cidade moderna surge com grandes prédios e casas. Essa divisão visual busca estabelecer um paralelo entre o que aconteceu com o povo de Deus na época de Moisés e os desafios enfrentados durante a pandemia. A disposição dos atores reflete essa mesma dualidade: de um lado, os escravos do Egito; do outro, os fiéis da igreja contemporânea.

A narrativa segue com o personagem Moisés, que entoia uma canção: “Toda praga que veio nessa Terra, preciso olhar para cima, lembrar da promessa.” Em outro momento, ele reafirma em música que “não é daqui” e que partirá para outro lar. Enquanto Moisés canta, os figurantes que representam os escravos dançam cheios de energia, sob uma iluminação vibrante. Do outro lado, os fiéis da igreja permanecem imóveis, envoltos em escuridão.

Ao término da música, o pastor da igreja entra em cena, posicionando-se de frente para Moisés. Os escravos permanecem no fundo, erguidos como soldados, com cajados nas mãos. O pastor, cercado por fiéis caídos, desanimados e vítimas da COVID-19, contrasta com

Moisés, que se destaca em um ambiente mais iluminado, reforçando o paralelo entre as lideranças escolhidas por Deus para guiar Seu povo.

Moisés declara que Deus o enviou para lembrar ao povo da promessa de um lugar especial reservado para eles. Ele enfatiza a importância de uma liderança profética para conduzir as pessoas rumo à terra prometida, intercalando olhares entre o público e o pastor. Em resposta, o pastor assume o foco e profetiza: “Em meio a toda essa pandemia, em meio a todo esse caos, eu, como voz profética e como sacerdote, profetizo que o Brasil é uma terra de milagres.” Essa declaração emociona profundamente a plateia do Congresso.

A iluminação se apaga mais uma vez, mergulhando o espaço na escuridão, enquanto o telão exibe imagens de Dave Roberson, pastor estadunidense falecido em 2022. No vídeo, Roberson aparece ministrando no Brasil e, segundo a legenda, profetiza sobre o SARS-COV-2 em 2004. Ele narra uma visão que ele teve na noite anterior, em que homens entram em uma cidade em quarentena, aniquilam a praga e conduzem a região a um grande avivamento, referindo-se não apenas ao SARS, mas também a outras pragas dos tempos finais.

A iluminação retorna, e o pastor da peça, com voz firme e crescente, comanda que a COVID bata em retirada das cidades brasileiras e de todas as nações, usando o nome de Jesus como autoridade. A sonoplastia acompanha sua fala com batidas de percussão, criando um momento de grande impacto na platéia, devido à alta intensidade da percussão. Os figurantes, que representam os fiéis, agora estão de pé, orando com as mãos erguidas, provocando comoção no público, que se levanta das cadeiras.

A peça culmina em um poderoso coro de uma canção gospel, exaltando a cura da nação. Nesse momento, entram no palco uma bailarina vestida de azul e outras duas com véus brancos, seguidas por uma figura vestida como um anjo guerreiro, prateado, com escudo e uma cruz vermelha sobre fundo branco, simbolizando cura e saúde. Enquanto a música continua, Renê Terra Nova, fundador do Ministério Internacional da Restauração, entra no palco usando máscara, mas cantando junto com atores e público.

Ao final, Terra Nova toma a palavra e faz uma oração similar à do pastor da peça, declarando: “Toda praga é um sinalizador de que Deus está preparando algo tremendo para Sua igreja.” Assim, a peça encerra com uma mensagem de fé, restauração e esperança, marcada por momentos de forte emoção e simbolismo.

A análise desse trabalho está na maneira como essa mensagem é passada. Primeiro, os figurinos das peças e a maquiagem ajudam o público a entender quem são os personagens e o que irão falar — como o terno completo do pastor ou as vestes mais antigas e o cajado de Moisés. As cores dos figurinos ajudam a estabelecer o paralelo entre os escravos do antigo

Egito e os “escravos” dos dias atuais, por exemplo. O cenário, apesar de simples, também consegue ambientar o espectador na cena, principalmente com o auxílio do telão no fundo.

Mas a sonoplastia e a iluminação são os elementos mais utilizados nas peças. O que mais se pode notar nas duas peças descritas acima é o uso da sonoplastia e da iluminação para ajudar a passar a mensagem contida nos diálogos. A música de fundo, sempre melancólica e suave, pode ativar a emoção do espectador. A utilização de músicas autorais e músicas conhecidas pelo público também podem gerar essa ligação, pois conectam os espectadores e suas vivências dentro da igreja com os fatos narrados, além de fazer o público interagir com as personagens, cantando junto com os atores.

A luz consegue gerar o impacto visual esperado: as representações divinas tem uma iluminação azul; as florestas têm luz verde e roxa por todo o palco; as representações do mal, como a cobra do Éden e a chegada da COVID-19, são iluminadas pelo vermelho.

4.3. Análise da transmissão do texto por parte dos atores

Para explorarmos melhor os discursos e como os atores transmitem suas ideias, usaremos aqui os conceitos de enquadramento, mais especificamente, duas abordagens de enquadramento, que seriam a de análise de conteúdo discursivo e a de análise da situação interativa.

Um exemplo prático de análise da situação interativa no ambiente das peças é a própria conjuntura do Congresso em si. Os fiéis estão em um lugar específico, acompanhados por pessoas específicas para um objetivo em comum, assistindo espetáculos teatrais feitos para serem apresentados naquele Congresso específico. Elas estão inseridas em um quadro situacional “exclusivo”. Já para a análise de conteúdo discursivo, esse seria o estudo propriamente do discurso proferido durante as cenas e como essas falas (e o tom delas) podem mudar a percepção da realidade dos espectadores.

Em um estudo de psicoacústica realizado por Lazzarini (1998), ele demonstra que a frequência do som altera o limiar da audição. O autor também afirma que “como um efeito psicoacústico, o volume é afetado tanto pela natureza como pelo contexto dos sons. Outra dificuldade nas medidas de volume é o fato de que elas são dependentes da interpretação individual de cada pessoa.” (1998, p. 39). Armando Filho (s.d.), outro autor da área de psicoacústica, destaca que a frequência e a intensidade são alguns dos principais fatores que impactam na percepção da potência de um som. O autor demonstra, por meio de tabelas e cálculos de decibéis e hertz, que a potência de um som é proporcional à intensidade. Filho também que a continuidade de um som é o quanto a intensidade ou a frequência permanecem

estáveis. Quando acontecem mudanças bruscas nesses dois fatores, a percepção da potência muda. Esse fenômeno acontece diversas vezes durante os espetáculos teatrais do Congresso.

Em um primeiro momento, por causa das falhas no áudio, a atriz que interpreta a narradora em ambas as peças não passa a mensagem de forma clara. Porém, quando este problema é resolvido, ela consegue transmitir melhor o que quer dizer, apesar de sua voz não ser tão potente (ela consegue manter sua potência vocal contínua). Por isso, a performance dela tem menos impacto que outras não porque ela não tenha um papel relevante, mas por questões técnicas que prejudicam a compreensão do que ela diz e pela própria intensidade da voz da atriz que, mesmo amplificada, não tem grande impacto se comparada a outras vozes.

Já o ator que interpreta Adão na peça não possui esta mesma dificuldade. O ator tem uma voz poderosa e suas palavras são bem claras, assim como o ator intérprete do Leão. A mesma coisa se aplica à atriz que faz a Cobra, personagem crucial para sensibilizar o público. É dela a fala mais impactante dessa peça. O povo de Deus se deixará levar por palavras? Os escolhidos do Senhor serão enganados novamente por aqueles que distorcem os discursos e vão contra Deus? Eles já sabem o que acontece quando se crê em mensagens divergentes das de Deus: são punidos e instauram o caos.

Na segunda peça, a maior parte dos atores projeta a voz de forma que o público consegue ouvir bem, especialmente os atores intérpretes do pastor da igreja e de Moisés. Eles são os responsáveis por transmitir a principal mensagem da peça: o povo de Deus é diferente dos outros, o povo de Deus tem um propósito, um destino final preparado por Deus para recebê-los.

É possível perceber um padrão nas peças teatrais analisadas: aqueles personagens que transmitem as mensagens mais importantes, sejam mensagens de boas novas, de benção, de profetização ou mensagens com tom de risco e ameaça, são os que mais projetam a própria voz, surpreendem o público com a intensidade, impactando-o. São esses atores que mais alteram a continuidade vocal deles com mudanças repentinas na intensidade. E isso, seguindo o contexto de enquadramento e de psicoacústica, é uma estratégia tanto teatral — de gerar conexão com seu público — quanto comunicativa de transmissão de mensagem.

5. OS ELEMENTOS CÊNICOS E A TRANSMISSÃO DO TEXTO POR PARTE DOS ATORES SE RELACIONAM COM A TEOLOGIA DO DOMÍNIO?

A mensagem que o Congresso Resgate da Nação e o Ministério Internacional da Restauração querem passar está mais do que clara: a excepcionalidade dos evangélicos em relação aos não evangélicos.

Através da reação das plateias que podem ser observadas nos dois vídeos das peças em análise, é possível inferir que os elementos teatrais articulados nas peças geram diversas emoções na plateia. Tal sensibilização pode produzir nas plateias certo estado de receptividade à mensagem que será apresentada, deixando os fiéis mais suscetíveis à sua adesão. Essa tarefa se torna ainda mais fácil quando o espectador já tem opiniões parecidas com as que serão defendidas.

Esse comportamento da plateia pode ser explicado pelos raciocínios motivados. Raciocínio motivado seriam as maneiras tendenciosas sob as quais as pessoas absorvem informações. São as intenções e as tendências a concordar/discordar de uma opinião. Seguindo a tese do professor Carlos Oliveira (2020), o principal componente do raciocínio motivado é “a quantidade de diligência cognitiva dada a uma informação congruente com as preferências prévias na comparação com as incongruentes” (OLIVEIRA, 2020, p. 43), ou seja, quanto mais um assunto é compatível com as crenças prévias de uma pessoa, maiores as chances dessa pessoa concordar com o assunto.

O inverso também acontece: quanto mais um assunto é incompatível com as crenças, maiores as chances de rejeitar o conteúdo dado. Um outro tipo de raciocínio motivado é o viés de confirmação, que seriam informações que convenientemente reforçam nossas crenças prévias. Conforme explicado na tese de Oliveira, uma pessoa procuraria informações que corroboram com sua crença prévia, sem se preocupar com a veracidade dessa informação.

Portanto, se há uma pessoa no Congresso Resgate da Nação que já acredita que o envio de pragas é uma forma de Deus demonstrar poder, força e que está preparando algo extraordinário para seu povo, ela tende a acreditar quando a peça teatral correlaciona a pandemia que aconteceu há poucos anos com as pragas do Egito que assolaram o povo de Deus há milhares de anos, segundo os relatos bíblicos.

Isso se soma aos elementos cênicos da segunda peça que só aumentam a carga emotiva do espectador: a música sempre gerando atmosferas empolgantes - com o crescente provocado pelos instrumentos, as vozes em solo ou em duos e/ou coros -, as falas em variadas entonações e emoções, a iluminação comovente dando mais dramaticidade à cena (como a iluminação em vermelho quando o mal aparece ou as luzes roxas, azuis ou brancas quando há cenas tristes), a disposição dos atores no palco estabelecendo esse paralelo que já estava na mente da plateia por meio do raciocínio motivado, a projeção das vozes dos atores e a amplificação por meio dos headsets e microfones, além da caracterização das personagens por meio dos figurinos e maquiagens.

As mensagens que o Congresso Resgate da Nação parecem querer passar por meio das peças — a de que os evangélicos neopentecostais são escolhidos de Deus, que eles não pertencem ao mundo terreno, mas sim ao mundo divino — vem da doutrina milenarista escatológica. A seguir, falarei mais sobre essa perspectiva teológica no contexto dos espetáculos cênicos analisados.

5.1 Crenças escatológicas, milenarismo e as peças teatrais do Congresso Resgate da Nação

Durante o Congresso Resgate da Nação de 2021, o Brasil estava vivendo a pandemia e é retratado esse período de crise na segunda peça. A postura das personagens na peça é justamente vislumbrar o fim dos tempos, sonhar com o arrebatamento da igreja e o fim do sofrimento da vida humana. Como mostra Rocha (2020), a Teologia do Domínio é uma forma contemporânea de se observar essas crenças escatológicas e o milenarismo.

Na primeira peça analisada, há ainda um deslumbramento com a vida. Posto que este espetáculo retrata a criação do mundo descrito em Gênesis, as personagens ainda estão em um relacionamento com Deus, ainda estão próximas do seu Criador. Mas esse vínculo é cortado quando Eva e Adão desobedecem as ordens dadas e são ludibriados pelo Diabo. Nesse caso, é mais visível a Teologia da Batalha Espiritual. Enxerga-se o início da guerra entre Deus e Diabo pelas vidas humanas. Vê-se o começo da luta do homem contra as tentações, contra as armadilhas de Satanás para roubar-lhes a vida eterna nos Céus.

E ainda é possível enxergar um pouco da Teologia do Domínio na peça da Criação quando a narradora afirma que o homem foi chamado para governar e declama a passagem bíblica: “Sejam férteis e multipliquem-se! Encham e subjuguem a terra! Dominem sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todos os animais que rastejam sobre a terra.” (Gen 1, 28).

Identifico que não apenas as encenações teatrais em si, mas todo o discurso escatológico das peças e o discurso ideológico do Ministério Internacional da Restauração reforçam uma visão pós-milenarista.

Ao enunciar que os cristãos não pertencem a este mundo, que eles não devem se preocupar tanto com os problemas terrenos, mas sim, dar atenção às coisas divinas, o MIR mostra que seu papel é acelerar a volta de Jesus e o fim do milênio. Como o pós-milenarismo defende que Cristo só irá voltar depois que todas as nações se voltem para Ele, a função da Igreja é fazer com que todos olhem para Deus e o reconheçam como o único Salvador. E isso pode ser alcançado por meio da Teologia do Domínio. A Teologia da Batalha Espiritual está

presente, para além da personagem da Cobra da primeira peça, quando é possível observar as “tentações” de Satanás para desvirtuar o grupo de fiéis da segunda peça das tarefas eclesiais.

Há também uma estratégia de promover a agnotologia. Segundo Robert Proctor (apud LOPES, OLIVEIRA, TELLES, 2024, p. 2), agnotologia é a criação e reprodução deliberada da ignorância. Segundo as autoras, essa estratégia foi amplamente utilizada durante a pandemia, com o governo federal brasileiro ignorando evidências científicas, questionando vacinas e promovendo desinformação, ações que parecem intencionais para disseminar a ignorância.

Analisando as peças teatrais, principalmente a peça das pragas do Egito, observa-se não um negacionismo da existência do vírus — Renê Terra Nova, por exemplo, aparece publicamente de máscara no Congresso — mas sim uma espiritualização do vírus. Há um afastamento da realidade de forma proposital. Ao transformar a COVID-19 em algo sobrenatural, em uma forma de demonstração de força de Deus, e não enxergar o vírus como algo científico e patológico, promove-se o distanciamento político dos fiéis do mundo terreno e uma aproximação com “as coisas do Céu”, que tanto foi reforçado ao longo da peça.

Com o objetivo de propagar a mensagem de Cristo para o maior número de pessoas, o Ministério sempre promove esse Congresso, que possui uma alta visibilidade no mundo cristão, para que esse evento saia da “bolha” crente e chegue às áreas seculares. São convidados pastores, cantores e bandas famosos com o aparente objetivo de atrair os olhares das pessoas não-cristãs e, possivelmente, se interessem em conhecer o MIR.

O papel das peças analisadas não é somente atrair os olhares dos não-cristãos — seja por meio das músicas, das danças, dos figurinos ou do cenário —, mas também, lembrar aos já pertencentes ao grupo o seu papel na Terra: acelerar a segunda vinda de Cristo pregando o Evangelho à toda criatura, como dito na passagem bíblica de Marcos 16:15.

Ao creditar a eleição de Jair Bolsonaro às súplicas feitas pela Igreja, o MIR mostra aos fiéis o poder transformador da oração no contexto político e social do Brasil. Em outros governos, o país estava doente, sujo e preso nas garras do diabo — uma contribuição dada pela Teologia da Batalha Espiritual.

Ainda no imaginário proposto pelo MIR, foi devido às diversas orações feitas pelos evangélicos ao longo dos anos, Deus finalmente levantou pessoas da sua Igreja para estar em lugares de poder, como no Congresso Nacional, no Supremo Tribunal Federal e até mesmo no Palácio do Planalto. Qual seria a melhor forma de trazer visibilidade à pauta cristã do que um Presidente da República temente ao Senhor?

No entanto, a Teologia do Domínio não está explícita nas encenações estudadas neste trabalho. O mais observável nas peças estudadas foi, na verdade, a presença da Teologia da Batalha Espiritual. É preciso observar que o Congresso em questão aconteceu em 2021, ano em que Jair Bolsonaro, o político apoiado por Renê Terra Nova e pelo MIR, já era presidente; ano em que André Mendonça, o ministro “terrivelmente evangélico”, foi escolhido por Bolsonaro para ocupar uma cadeira no Supremo Tribunal Federal. Todas essas conquistas dos evangélicos conservadores do MIR já representam uma vitória do domínio cristão neopentecostal sobre as esferas da sociedade.

Todavia, segundo a visão do grupo representada nas peças teatrais, agora há forças malignas atacando os filhos de Deus, tirando-os do foco. Há um plano conspirando contra o povo escolhido pelo Senhor para restaurar a nação. Mais uma vez, a Cobra do jardim do Éden está agindo para distanciar o homem de seu Criador. A mensagem passada na peça das pragas do Egito sobre relembrar ao povo de Deus de sua missão evangelizadora implica que Satanás está agindo para que os escolhidos não cumpram a sua tarefa. Todo o contexto histórico de 2021 e os discursos proferidos durante as peças reforçam que há uma manifestação mais clara da Teologia da Batalha Espiritual do que da Teologia do Domínio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito deste trabalho foi tentar estudar se as artes, mais especificamente as artes cênicas são apropriadas na fomentação de um projeto político de poder, usando a Teologia do Domínio, e, em caso positivo, como os elementos cênicos são usados para tal finalidade. Para isso, estudamos o caso do Congresso Resgate da Nação de 2021, um evento promovido pelo Ministério Internacional da Restauração, em que acontecem várias manifestações artísticas, inclusive espetáculos teatrais. Foram analisados os elementos cênicos das peças, as mensagens transmitidas ao público e foi verificado se o conjunto cênico foi utilizado para propagar ideias da Teologia do Domínio.

Em um primeiro momento, foi discutido o surgimento e o crescimento da extrema-direita brasileira e suas relações com o conservadorismo. Vimos que a extrema-direita foi se “desavergonhando” com o passar dos anos pós-ditadura militar (MADEIRA, QUADROS, 2018). Mostramos que esse novo crescimento da extrema-direita foi corroborado também pelo esquecimento da sociedade brasileira referente aos acontecimentos do período do regime ditatorial. Explicitamos que os termos “direita” e “conservadorismo” estão interligados, uma vez que os princípios promovidos e defendidos

pela direita geralmente buscam preservar o status quo, dão importância às tradições e evitam mudanças rápidas e drásticas.

Seguindo essa linha, a extrema-direita voltou a crescer durante as eleições de 2010, com o retorno das discussões ideológicas durante as campanhas políticas. E os debates ideológicos foram tomando cada vez mais espaço ao longo dos anos até chegar 2018, ano em que as eleições foram marcadas por esses debates (FUKS, MARQUES, 2023).

Foi explicado também sobre o advento do neopentecostalismo no Brasil, com o crescimento do número de evangélicos, seu envolvimento em questões políticas — algo que não acontecia devido à herança do pentecostalismo estadunidense, que via a política como uma área secular e “do mundo”. Em outra fase, inicia-se o envolvimento dos grupos evangélicos conservadores na política, com o discurso de “irmão vota em irmão” promovido pelas principais lideranças religiosas pentecostais e neopentecostais brasileiras nos anos 1980 e 1990, como Edir Macedo (MARTINS, OLIVEIRA, 2021, p. 239).

Como ainda eram considerados uma minoria na população brasileira, os evangélicos, logo após a redemocratização, sempre se aliaram aos governos da situação. Todavia, com o advento do conservadorismo nos anos 2010, tanto pentecostais e neopentecostais, quanto protestantes tradicionais, influenciados pelo movimento carismático, intensificam a sua atuação política, alinhado à direita política.

Em seguida, foram apresentadas as teorias das Teologias da Batalha Espiritual e do Domínio, explicando suas origens, história e como esses fenômenos chegaram às igrejas do Brasil, que foi por meio da importação dos modelos estadunidenses.

A Teologia da Batalha Espiritual, como vimos, defende que está acontecendo uma guerra entre Deus e Diabo pelas almas humanas, e que ambos estão sempre presentes na vida das pessoas. Segundo essa teologia, há uma demonização constante dos inimigos dos cristãos, que seriam as religiões não cristãs e os sofrimentos individuais e coletivos, dentre outros pontos. Ainda nesse tema, os autores que estudaram sobre essa teologia veem que a Teologia da Batalha Espiritual minimiza a culpa individual e a transfere para atos de terceiros, considerados demoníacos.

Já a Teologia do Domínio foi descrita por Eliseu Pereira (2023) como um plano de retomada da teocracia na sociedade, em que os cristãos conservadores ocupariam espaços importantes na vida cotidiana das pessoas. Nesse contexto, apresenta-se a doutrina dos Sete Montes, que diz que a vida humana é cercada, basicamente, por sete pontos — família, religião, educação, mídia, lazer, negócios e governo — e que os cristãos devem estar presentes nessas áreas para que consigam conquistar todas as pessoas para Jesus Cristo.

Nesse mesmo tópico, foram explicadas a origem do Ministério Internacional da Restauração por René Terra Nova, sua história em Manaus como uma igreja celular e também a criação do Congresso Resgate da Nação, o evento anual da igreja que foi um dos objetos de estudo deste trabalho. Além disso, falamos de como essa igreja acredita que Jair Bolsonaro foi eleito presidente devido às diversas orações do povo de Deus. Foi falado também sobre os elementos cênicos e suas definições, como a tríade cênica, o palco, o cenário, o figurino, a maquiagem, a iluminação e a sonoplastia.

Depois de dado todo o contexto do trabalho, partimos para a análise das peças teatrais em si, que ocorreu uma descrição das partes mais importantes de duas peças teatrais representadas no Congresso Resgate da Nação de 2021. Durante as análises, falamos sobre o conceito de enquadramento e como cada comunicação feita pelas pessoas está inserida em um quadro específico. Discutimos também que, segundo a psicoacústica, as altas intensidades alternadas com intensidades moderadas podem produzir modulação do foco dos ouvintes. Como a voz é uma forma de som, foi observada a relação entre a intensidade das vozes dos atores e a importância dos textos ditos para a configuração da mensagem a ser apresentada à plateia de fiéis.

Por último, debatemos se as artes cênicas estão sendo utilizadas para promover um projeto político de extrema-direita, por meio da Teologia do Domínio. Após as análises, compreendemos que o teatro dentro do Congresso está sendo usado para promover uma visão pós-milenarista do cristianismo, em que se crê na volta de Jesus à Terra somente quando todas as nações acreditarem na Palavra de Deus. E a Teologia do Domínio, como mostrada por Rocha (2010), é uma forma contemporânea de pós-milenarismo. A TD não está presente de uma forma explícita nas peças teatrais — mencionando verbalmente a doutrina dos Sete Montes ou outra teoria dominionista —, mas sim, nas entrelinhas dos diálogos e das canções com falas pós-milenaristas, por exemplo, ou quando as personagens afirmam que não pertencem a este mundo e que o fim está próximo.

É possível enxergar, no entanto, mais da Teologia da Batalha Espiritual nas peças teatrais, com a representação da Cobra na criação do mundo segundo a Bíblia, com a desesperança dos escravos do Egito, com o distanciamento dos fiéis da igreja e sua preocupação com as coisas terrenas. O Diabo e suas diversas atuações para distanciar o povo de seu Deus está presente durante a maior parte das peças, o que corrobora a constatação da maior influência da Teologia da Batalha Espiritual. Há promoção da agnotologia nos fiéis, por meio do descolamento da realidade e a aproximação do divino.

Seguindo, portanto, com a interpretação de Rocha sobre crenças escatológicas, milenarismo, há sim uma utilização das artes cênicas por parte do MIR e do Congresso para impulsionar um projeto político de extrema-direita, mas usando a Teologia da Batalha Espiritual para alcançar este objetivo.

Contudo, este trabalho apresentou algumas limitações importantes. Uma delas foi a falta de textos que estudam sobre teatro em espaços religiosos e textos atuais sobre teatro religioso. Essa falta de literatura sobre o tema dificultou a ampliação da base de pesquisa para a realização deste trabalho.

Conjuntamente à falta de literatura no âmbito teatral/religioso, houve a precariedade do material analisado, haja vista os valores exorbitantes cobrados pelo MIR para se ter acesso às peças teatrais de 2021 em alta qualidade de imagem e som, reduzindo o material de pesquisa a vídeos do YouTube gravados de forma amadora por uma espectadora das encenações.

Apesar dessas limitações, esse trabalho foi feito como uma análise política das peças teatrais do Congresso Resgate da Nação, e creio que esse modelo de estudo pode ser replicado para outras peças cênicas. Desse modo, será possível ampliar o debate e a literatura sobre os temas, descobrir se os discursos pós-milenaristas estão presentes em outros grupos de teatro religioso, investigar se há outras peças do MIR com essa mesma função, além de outras descobertas.

Seria de suma importância também um estudo dessas peças teatrais religiosas atuais pela perspectiva cênica, aprofundando-se mais no uso dos elementos teatrais como ferramenta de propagação de ideias da Teologia do Domínio. Dessa forma, formaria-se uma base de estudos maior e mais sólida para futuras pesquisas nessa área.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ronaldo de. Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. *Novos Estudos CEBRAP*, vol. 38, nº 01, p. 185-213, jan/abr, 2019.

ALMEIDA, Ronaldo de. Evangélicos à direita. *Horiz. antropol.*, Porto Alegre, ano 26, n. 58, p. 419-436, set./dez. 2020.

ANDRADE, Daniela Meirelles; GONÇALVES, Vinícius Batista. A corrupção na perspectiva durkheimiana: um estudo de caso da Operação Lava Jato. *REVISTA DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA*. Rio de Janeiro 53(2):271-290, mar. - abr. 2019

BANDEIRA, Alessandro. 25º Congresso Internacional Resgate da Nação. “A Nação Profética e a Redenção do Território”. *Revista Porto Seguro*. 2024.

BAQUERO, Marcello; GONZÁLEZ, Rodrigo Stumpf; GROHMANN, Luis Gustavo Mello. Nova direita ou vinho velho em odres novos? A trajetória conservadora no Brasil do último século. *REVISTA DEBATES*, Porto Alegre, v. 15, n.2, p. 09-44, maio-ago. 2021.

BATESON, Gregory. “Uma teoria sobre brincadeira e fantasia”, in B. T. Ribeiro e P. M. Garcez (orgs.), *Sociolingüística internacional*, 2. ed., São Paulo, Loyola. 2002.

BEZERRA, César. XXIX - Apóstolos no Brasil 12 - Apóstolos do Século XXI. Publicado em 09/11/2011. Disponível em: <https://www.ministeriocesar.com/2011/11/apostolos-apostolos-no-brasil-12.html> . Acesso em 29 de janeiro de 2025.

BIANCHI, Suzie; PIRELLI, Giovanni. Cultura, gestão e fé: reflexões sobre a atuação das igrejas evangélicas como centros culturais. *REVISTA DO CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO* / No 13, dezembro de 2021.

BÍBLIA. Bíblia Sagrada, Nova Versão Internacional (NVI). Tradução de Biblica Brasil (IBS). Editora Vida, 2023.

BORRI, Giovanna Teixeira; BRITES, Cristina Maria; OLIVEIRA, Eliane de Cássia Rosa; SILVA, Adriana Brito da. A extrema-direita na atualidade. *Serv. Soc. Soc.*, São Paulo, n. 119, p. 407-445, jul./set. 2014.

BRACCIALLI, Felipe. Iluminação cênica: possibilidades de um sujeito em cena. *Sala Preta*, São Paulo, Brasil, v. 15, n. 2, p. 59–71, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/102164> . Acesso em: 14 de fevereiro de 2025.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Os Mapas, Atores e Números da Diversidade Religiosa Cristã Brasileira: Católicos e Evangélicos entre 1940 e 2007. *Revista de Estudos da Religião*. pp. 9-47. Dezembro de 2008.

CEPÊDA, Vera Alves. A Nova Direita no Brasil: contexto e matrizes conceituais. *MEDIAÇÕES*, LONDRINA, V. 23 N. 2, P. 75-122, MAI./AGO. 2018.

COWAN, Benjamin Arthur. “Nosso Terreno”- crise moral, política evangélica e a formação da ‘Nova Direita’ brasileira. *VARIA HISTORIA*, Belo Horizonte, vol. 30, nº 52, p.101-125, jan/abr 2014.

CONGRESSO Resgate da Nação Atos Proféticos. *YouTube*, Publicado em 20/04/2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yfdwl2XzCxM>. Acesso em: 17 de novembro de 2024.

CONGRESSO Resgate da Nação 21/04/2021 Atos Proféticos. *YouTube*, Publicado em 22/04/2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yfdwl2XzCxM>. Acesso em: 17 de novembro de 2024.

CUNHA, Magali do Nascimento. “Vinhos novos em odres velhos”: Um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2004.

DELUMEAU, Jean. Mil anos de felicidade: uma história do paraíso. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FILHO, Armando Fernandes Bugalho. Curso Básico de Psicoacústica. Universidade da Associação de Ensino de Ribeirão Preto. s.d. Disponível em: https://musicaeadoracao.com.br/recursos/arquivos/efeitos/audicao/curso_psicoacustica.pdf. Acesso em 8 de fevereiro de 2025.

FLORY, Alexandre Villibor; MATSUNAGA, Priscila [Orgs.] Teatro e política. GT da Anpoll dramaturgia e teatro. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.

FUKS, Mario; MARQUES, Pedro Henrique. Contexto e Voto: o impacto da reorganização da direita sobre a consistência ideológica do voto nas eleições de 2018. Opinião Pública, Campinas, vol. 26, nº 3, set-dez, p: 401-430. 2020.

FUKS, Mario; MARQUES, Pedro Henrique. Polarização e contexto: medindo e explicando a polarização política no Brasil. Opinião Pública, Campinas, vol. 28, nº 3, set-dez, p. 560-593. 2023.

FUKS, Mario; RODRIGUES, Guilherme Alberto. Grupos sociais e preferência política: voto evangélico no Brasil. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 30, núm. 87, p. 115-129, 2015.

GENTRY JR, Kenneth L. A lei de Deus no mundo moderno: a relevância contínua da Lei do Antigo Testamento. Brasília: Monergismo, 2008.

GOFFMAN, Erving. Frame analysis: an essay on the organization of experience. Boston, Northeastern University Press. 1986.

IYENGAR, S.; SOOD, G.; LELKES, Y. "Affect, not ideology: a social identity perspective on polarization". Public Opinion Quarterly, Oxford, vol. 76, nº 3, p. 405–431, set. 2012.

LAZZARINI, Victor E P. Elementos de Acústica. Music Department of the National University of Ireland, Maynooth. 1998.

LIGNELLI, César. Sonoplastia: breve percurso de um conceito. ouvirOUver, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 142–150, 2015. DOI: 10.14393/OUV13-v10n1a2014-9. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/32065>. Acesso em: 17 de agosto de 2024.

LOPES, Nayla; OLIVEIRA, Horrana Grieg; TELLES, Helcimara. Agnotologia e 'ciência cristã': quando a ignorância e a fé religiosa se voltam contra o conhecimento. The Conversation, Publicado: 16 abril 2024. Disponível em: <https://theconversation.com/agnotologia-e-ciencia-crista-quando-a-ignorancia-e-a-fe-religiosa-se-voltam-contra-o-conhecimento-227331>. Acesso em 29 de dezembro de 2024.

MADEIRA, Rafael Machado; QUADROS, Marcos Paulo dos Reis. Fim da direita envergonhada? Atuação da bancada evangélica e da bancada da bala e os caminhos da representação do conservadorismo no Brasil. Opinião Pública, Campinas, vol. 24, nº 3, set.-dez., p. 486-522, 2018.

MAGALDI, Sábato. Iniciação ao teatro. 1965.

MARTINS, Caio César Nogueira; OLIVEIRA, Fabrício Roberto Costa. O discurso eleitoral da Igreja Universal do Reino de Deus e a ascensão de Bolsonaro, Revista Plural, v. 28 n. 1, 2021.

MARIZ, Cecília Loreto. A teologia da batalha espiritual: uma revisão da bibliografia. BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, [S. l.], n. 47, p. 33–48, 1999. Disponível em: <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/213>. Acesso em: 20 de dezembro de 2024.

MATHISON, Keith. A confusão a respeito do milênio. Ministério Fiel. Disponível em: <https://ministeriofiel.com.br/artigos/a-confusao-a-respeito-do-milenio/> . Acesso em 17 de janeiro de 2024.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino; SIMÕES, Paula Guimarães. ENQUADRAMENTO Diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 27, núm. 79, junho de 2012, pp. 187-201.

MINISTÉRIO INTERNACIONAL DA RESTAURAÇÃO; mir online; Congresso Internacional Resgate da Nação; Disponível em: <https://www.mironline.com.br/resgatedanacao> ; Acesso em 20 de julho de 2024.

MINISTÉRIO INTERNACIONAL DA RESTAURAÇÃO; mir online; Congresso Internacional Resgate da Nação 2021; Disponível em: <https://www.mironline.com.br/congressoresgatedanacao> ; Acesso em 21 de dezembro de 2024.

MINISTÉRIO INTERNACIONAL DA RESTAURAÇÃO. mir12. Somos Visão Celular no Modelo dos 12. Disponível em: <https://www.mir12.com.br/br/2017/noticias/369-somos-visao-celular-no-modelo-dos-12> ; Acesso em 22 de julho de 2024.

MOLTMANN, Jürgen. A vinda de Deus: escatologia cristã. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

NICOLAU, Jairo. O Brasil dobrou à direita: Uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018, Editora Zahar, Rio de Janeiro, 2020.

OLIVEIRA, Carlos. Explicações, Consequências e Correções de Informações Políticas Manipuladas; 2020.

ORO, Ivo. O Outro é o Demônio; uma Análise Sociológica do Fundamentalismo. São Paulo, Paulus. 1996.

PASTOR DAVE ROBERSON PROPHECYING ABOUT SARS VIRUS, QUARANTINE OF TOWNS & REVIVAL. Facebook, postado em 18 de novembro de 2022. Disponível em: <https://www.facebook.com/100044133264301/videos/pastor-dave-roberson-prophecy-about-sars-virus-quarantine-of-towns-revival-he/667176785020711/> ; Acesso em 05 de dezembro de 2024.

PEREIRA, Eliseu. Teologia do domínio: uma chave de interpretação da relação evangélico-política do bolsonarismo. Projeto História, São Paulo, v. 76, pp. 147-173, Jan.-Abr., 2023.

QUEIROZ, Andréa Cavalcante de Almeida. Visualidades da Cena: Figurino e Maquiagem. Salvador: UFBA, Escola de Teatro; Superintendência de Educação à Distância. 2023.

ROCHA, Daniel. “Faça-se na terra um pedaço do céu”: perspectivas messiânicas na participação dos pentecostais na política brasileira. Perspect. Teol., Belo Horizonte, v. 52, n. 3, p. 607-632, Set./Dez. 2020.

ROCHA, Daniel. Os fundamentos de um reino milenar: expectativas milenaristas e engajamento político na história do fundamentalismo religioso norte-americano. Fronteiras, Dourados, MS, v. 12, n. 21, p. 203-225, jan./jun. 2010.

ROGERS, Jay. Four Keys to the Millennium (Cape Town: Sola Fide Publishers, 2004), p. 71-85.

ROSAS, Nina. “Dominação” evangélica no Brasil: o caso do grupo musical Diante do Trono. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar, São Carlos, v. 5, n. 1, jan.--jun. 2015, pp. 235-258.

ROSENFELD, Anatol. O teatro épico. São Paulo: Perspectiva, 2000.

SANTOS, Fabiano; TANSCHKEIT, Talita. Quando velhos atores saem de cena: a ascensão da nova direita política no Brasil. Colombia Internacional (99): 151-186, 2019.

SOLANO, Esther. Crise da Democracia e extremismos de direita. Friedrich Ebert Stiftung Brasil, nº42, 2018.

TERRA NOVA, Renê. Visão Celular no Modelo dos 12. *YouTube*, Publicado em 15/08/2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Xtc_QuOqewA . Acesso em 30 de janeiro de 2025.

ZUCCO JR., Cesar. Esquerda, Direita e Governo: A Ideologia dos Partidos Políticos Brasileiros, in Power, T. Zucco, Cesar (orgs.). O Congresso por ele mesmo: autopercepções da classe política brasileira. Belo Horizonte, UFMG, pp. 37-60, 2011.